

AS EXPERIÊNCIAS DA MIGRAÇÃO NA POESIA DE EDUARDO DALL'ALBA

THE EXPERIENCES OF MIGRATION IN EDUARDO DALL'ALBA'S POETRY

Vera Lúcia de Oliveira*

RESUMO: Eduardo Dall'Alba, nascido em Caxias do Sul em 4 de dezembro de 1963 e falecido em 24 de dezembro de 2013, publicou mais de dez livros, entre ensaio e poesia, recebendo diversos prêmios. Sua família, de origem vêneta, migrou para o Rio Grande do Sul no final do século XIX. Apesar da morte precoce, alcançou uma poesia de alta densidade estética, onde fundiu a sólida formação humanística com as experiências ligadas ao processo migratório, que atravessa sua história pessoal e familiar. Proponho-me a evidenciar, aqui, como a poesia de Eduardo Dall'Alba recupera ao longo de sua obra atmosferas, sentimentos e embates inerentes à vivência da migração. Entre os vários livros, deter-me-ei na série "Poemas da Colônia", que integra a obra *Matéria do Cotidiano*, de 2001. Trata-se de um conjunto coeso, lírico e dramático ao mesmo tempo, centrado na vida do colono italiano no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Eduardo Dall'Alba; imigração italiana; poesia brasileira; poesia contemporânea.

ABSTRACT: Eduardo Dall'Alba, who was born in Caxias do Sul on December 4, 1963 and died on December 24, 2013, published more than ten books, including essays and poetry, and received several awards. His family, of Venetian origin, migrated to Rio Grande do Sul in the late 90th century. Despite his early death, he achieved a poetry of high aesthetic density, where he combining his solid humanistic training with the experiences linked to the migratory process which runs through his personal and family history. My aim here is to show how Eduardo Dall'Alba's poetry recovers the atmospheres, feelings and clashes inherent to the experience of migration. Among the various books, I will focus on the series "Poemas da Colônia" which is part of the 2001 book *Matéria do Cotidiano*. It is a cohesive collection, lyrical and dramatic at the same time, centered on the life of the Italian settler in Rio Grande do Sul.

Keywords: Eduardo Dall'Alba; Italian immigration; Brazilian poetry; contemporary poetry.

* Dipartimento di Lettere - Lingue, Letterature e Civiltà antiche e moderne, Università degli Studi di Perugia.

“o mistério do ser inacabado
de ser o mesmo sendo diferente
ser impreciso, mas reinventado
sob o plano do espaço permanente.”
Eduardo Dall’Alba (2006, p. 37)

“A dor é minha matéria, o chão deserto
o pó da rua de família pobre
o seco mais que solidão seca
o sol que abrasa o horizonte do campo e da cidade.
Meu verso é livre como a minha alma,
o mais é puro ressentimento.”
Eduardo Dall’Alba (2006, p. 86)

Muito se tem escrito sobre a imigração italiana no Brasil entre os séculos XIX e XX, momento que certamente marcou a nossa história. São estudos que se debruçam sobre documentos vários, relações de passageiros nos navios, artigos de jornais, cartas, fotos, relatos que testemunham a trajetória de homens e mulheres que se puseram em movimento, deixaram a própria terra e buscaram um outro país para chamar de seu.

No rol de depoimentos que, a rigor, escapariam à historiografia mais ortodoxa, temos as obras literárias que, sem abdicar do necessário apuro estético, se põem como testemunhos de uma vivência que merece a nossa atenção, porque é parte do que é o Brasil, um país que acolheu milhões de imigrantes de várias partes do mundo. Deter-se sobre tais depoimentos é um modo de entender também um pouco melhor a história do nosso tempo, onde os movimentos migratórios se intensificaram dramaticamente.

Entre os escritores brasileiros descendentes de imigrantes que abordam temas ligados a imigração italiana — Zélia Gattai, Marina Colasanti, José Eduardo Degrazia, José Clemente Pozenato e outros —, deter-me-ei aqui sobre a poesia de Eduardo Dall’Alba, focalizando aspectos e momentos que caracterizaram as experiências concretas de vida dos imigrantes que se fixaram no Rio Grande do Sul.

Escritor, pesquisador e professor, Eduardo Dall’Alba¹ nasceu em Caxias do Sul em 4 de dezembro de 1963 e faleceu em 24 de dezembro de 2013. Descendente de imigrantes, sua família é originária da pequena vila de Tretto (município de Schio), no Vêneto. Camponeses empobrecidos, seduzidos pela propaganda da emigração para a América, viram-na como uma possibilidade de se contrapor às dificuldades econômicas em que viviam e pelas quais passava a Itália.

A chegada no Brasil se deu em 1884 e, em busca de melhores condições de trabalho, a família se dirigiu ao sul do país, estabelecendo-se inicialmente em Flores da Cunha e depois em Caxias do Sul. Nessa região, continuarão trabalhando como camponeses, mas agora com uma pequena propriedade rural pertencente à família.

Tais vivências perpassam a poesia de Dall’Alba, filtradas pelo olhar atento do poeta e por uma sensibilidade vibrátil, que captura o frágil, intenso e fugidio de cada momento de vida dos componentes da família. É poesia que subtrai, ao fluir inexorável do tempo, palavras e gestos de personagens que, talvez, pela simplicidade em que viviam, não chamassem a atenção de historiadores, mas que são emblemáticos para o sujeito lírico. Revelam, de fato, emoções e sentimentos complexos e ambivalentes de uma humanidade pobre, que ele quer resgatar, de gente que buscava uma terra, uma casa, um lugar no mundo. Move essa humanidade o desejo de realização e de felicidade, como é para cada um de nós, e é comovente o modo como o poeta transpõe em versos o sentimento de carência, de solidão, de marginalização, assim como o de revolta contra o abuso de poder perpetrado contra mulheres e crianças, muitas vezes no próprio ambiente familiar.

¹ EDUARDO DALL’ALBA (1963-2013) licenciou-se em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa e doutorou-se em Literatura Brasileira no Instituto de Letras do UFRGS. Não obstante a morte precoce, o poeta nos deixou uma importante produção, que consta de mais de quinze livros de poesia, dois de narrativa e quatro de ensaios. Dentre os livros publicados, destacam-se: *Drummond, leitor de Dante: a construção do enigma*; *Noite e música na poesia de Carlos Drummond de Andrade*; *A Editoração contemporânea*; *o Vinhedo das vontades* (Prêmio Açorianos de Poesia 1998); *Lunário perpétuo* (Prêmio Açorianos de Poesia 2008); *Os Bens intangíveis* (Prêmio Carlos Drummond de Andrade, concedido em 2012 pela União Brasileira de Escritores; Prêmio Antônio Olinto de Literatura, também da União Brasileira de Escritores, 2013).

Eduardo Dall’Alba nos deixou uma sólida e vasta produção e recebeu inúmeros prêmios, entre os quais o Prêmio Açorianos de Poesia, em 1998 e em 2008, e o Prêmio Antônio Olinto, da União Brasileira de Escritores, em 2013. Alcançou uma poesia de alta densidade e sofisticação estética, onde fundiu a apurada formação humanística com as experiências ligadas ao processo migratório, que atravessa sua história pessoal e familiar.

Vários críticos e escritores se debruçaram sobre a sua obra, entre os quais José Eduardo Degrazia, Fábio Lucas, Affonso Romano de Sant’Anna, Maria do Carmo Campos, José Clemente Pozenato, Donaldo Schüller e outros. O autor deixou ainda textos inéditos e o levantamento e a publicação de sua obra completa se fazem quanto mais necessária e urgente.

Para o poeta, a busca pelas raízes é tema inerente não somente à sua poesia, mas à história pessoal e à da família, marcada pelas experiências muitas vezes frustrantes e dolorosas. Em livro ainda inédito, em que reconstrói o trajeto familiar da Itália ao Brasil, afirma:

Como eram meus antepassados? Quais as raízes profundas de minha personalidade? Uma coisa é certa. É o início da história escrita de uma família de pioneiros: os velhos deixando a Europa e atravessando os mares; a primeira geração desbravando São Marcos e a Serra do Meio; a segunda geração embrenhando-se nas matas de Sananduva, Exerim, Xapecó, Caçador; a terceira já em Cascavel, Palotina. A quarta com fazendas no Mato Grosso, Rondônia, com minas no Amapá. Anônimos, sem grandes feitos, sempre simples, sempre trabalhadores, não parando para grandes obras, investindo capitais e forças sempre em terras novas. A estrela-guia de nossa família está voltada para o noroeste. (Dall’Alba, sem título, inédito)

Não nos deixemos enganar pelo relato aparentemente laudativo e heroico do processo migratório, já que sua poesia revela precisamente o avesso de tal imagem, ou seja, os impasses e revezes derivados das inúmeras adversidades, as desavenças domésticas, os conflitos e as relações bruscas entre pais e filhos, além de outros aspectos ligados ao processo de adaptação ao novo mundo. Sabemos que as colônias italianas do sul do Brasil sofreram pelo isolamento e pelas distâncias dos centros urbanos, pelo desabastecimento de sementes e de ferramentas, pela falta de bens alimentícios e de remédios, assim como de assistência sócio-sanitária.

Tudo isso está presente na poética deste autor gaúcho e, embora sua obra lance um olhar lúcido e crítico sobre o nosso tempo e se espraie por tópicos que vão desde as questões sociais até a indagação filosófica e existencial, concentrar-me-ei aqui, como dito acima, sobre os registros concernentes à experiência e à vivência da imigração. Para tanto, entre os vários livros, vou me deter na série “Poemas da Colônia”, composta por nove textos que integram a obra *Matéria do Cotidiano*, publicada em 2001. Trata-se de um conjunto coeso e polifônico, lírico e dramático ao mesmo tempo, centrado exclusivamente na vida do colono italiano no Rio Grande do Sul. Não há uma temporalidade indicada com precisão, mas se percebe o decorrer do tempo e o passar das gerações pelas referências aos vínculos do sujeito lírico com os pais e com os avós.

Matéria do Cotidiano, do qual fazem parte os poemas que analisaremos, é o sexto livro publicado pelo autor e se caracteriza por uma poesia reflexiva e intimista, sempre em diálogo com o mundo e com os grandes poetas brasileiros, entres os quais Carlos Drummond e João Cabral. O livro é dividido em três séries, “Matéria da poesia” (14 textos), “Poemas da colônia” (9 textos) e “Matéria do cotidiano” (12 poemas).

Os títulos dos poemas dão conta de sua substância matérica: “O pobre”, “Canto áspero”, “Realidade”, “Matéria do cotidiano”, “Anúncio de jornal”, “História breve”, “Matéria de Poesia”, etc. A própria repetição do substantivo “matéria” indica o desejo de representar com maior concretude e realismo a essência íntima das experiências, anseios e reflexões presentes nos textos.

O volume se abre com uma significativa declaração de poética, ironicamente intitulada “Cálculo matemático”:

O economista se ri
do meu verso atravessado
ele não sabe – nunca saberá –
que a poesia é a música dos pobres
e das almas dos loucos, bêbados e desesperados
dos despojados do cânone.
(Dall’Alba, 2006, p. 157)

Já aqui o sujeito lírico se põe como “gauche” no mundo, o qual anuncia sua oposição crítica à mensuração da vida com puros cálculos numéricos. Sua poesia, de fato, se debruça, concisa e despojada, sobre personagens às margens, não computados pela história, os necessitados e indigentes, os loucos, os bêbados, os desesperados. O autor a define “a música dos pobres” (Dall’Alba, 2006, p. 163), entoada por quem ocupa esse lugar social e se identifica com os personagens sobre os quais se detém.

O que acomuna todas estas vidas é sobretudo a dolorosa ausência de afetividade nas relações, a negação e a rejeição que marcam os personagens, o vazio e a solidão dos dias e noites escandidos apenas pelos ritmos do trabalho. O poema “Não”, nesse sentido, é inteiramente estruturado em forma de interdições, que se sucedem, sem alguma motivação plausível, num clima de ríspido autoritarismo: “Não respire sobre o papel/ não pise na grama/ não corra não morra/ não ultrapasse na faixa à direita [...]” (Dall’Alba, 2006, p. 159) O sujeito lírico representa aqui um contexto de existências alienadas do direito de pensar e decidir por conta própria, de elaborar projetos e mesmo de se manifestar de alguma forma: “não complique não grite” (Dall’Alba, 2006, p. 159).

Os “Poemas da colônia”, a parte sobre a qual maiormente nos deteremos, se enquadram nessa poética, pois sua matéria é, sobretudo, o que nunca houve, o que se perdeu, o que sempre se desejou e nunca se obteve. Em “Herança”, cujo título poderia nos fazer supor uma partilha de bens, o que temos é uma partilha de memórias dolorosas, onde prevalece “a falta imensa de afeto”:

As desavenças de família
os impropérios
as poucas reminiscências
a falta imensa de afeto
a solidão na noite
o frio
dizem apenas da lacuna
entre o teu mundo e o mundo
que poderia ter sido e que não foi.
(Dall’Alba, 2006, p. 167)

As relações familiares são condicionadas pelo estado de privação não necessariamente econômica, mas, como se disse, no mais das vezes afetiva,

onde se luta obstinadamente, cada um a seu modo, por um lugar no mundo. Torna-se, então, também matéria de poesia o esforço deliberado de resgatar o tempo e de dar um sentido à carência de apegos e de beleza através da literatura e dos livros. Em “As vinhas da ira”, numa clara referência a John Steinbeck, o menino instaura com o pai uma luta por defender o seu direito à evasão e à busca de meios de elaboração crítica da sua própria condição, que os livros lhe proporcionam:

Na história que lia não entrava
a tirania de meu pai
[...]
Enquanto eu lia
o romance de *Steinbeck* só via esperança.
Só quando fechava o livro
a realidade vinha como um soco
[...]
Escondo os outros poucos
Cem Anos de Solidão As Veias Abertas
da América Latina
dentro do travesseiro [...]
(Dall’Alba, 2006, p. 166)

A condição socioeconômica inicial das famílias de imigrantes é bem definida no poema “Fala do Intendente”, em que o administrador de uma das fazendas onde se fixam inicialmente se refere aos trabalhadores com o coletivo “colonada”, um neologismo que os destitui de identidade singular própria: “– Vocês aqui não são nada/ se prestam para o cafezal ou no sul para a parreira/ [...] Vocês aqui não são nada mera e vasta colonada / nas terras de outro patrão.” (Dall’Alba, 2006, p. 171)

A réplica a tal alocução vem logo depois, no poema “Fala do colono”, que segue a estrutura dialógica da lírica anterior, onde o discurso se assume como coletivo, indicado pelo uso do pronome “nós”, e onde se percebe um espelhamento entre o sujeito que detém o poder e quem está a ele submetido: “– Nós aqui não somos nada, longe aqui da pátria amada/ cabe a nós plantar a vida que na terra pedregosa/ foi a sorte repartida nós aqui não somos nada” (Dall’Alba, 2006, p. 171)

Pelo tema, pela estrutura dos dois textos acima, que se configuram como pentassílabos justapostos de forma a compor um discurso dramático, pelos

vocábulos escolhidos que nos remetem ao poema *Morte e Vida Severina*, percebe-se a analogia que o sujeito lírico estabelece com João Cabral de Melo Neto, poeta com o qual Eduardo sempre dialogou em sua obra.

A relação intertextual é ditada pela identificação entre as duas situações, em que ambos os sujeitos – tanto os nordestinos em fuga da seca e da fome, em Cabral, quanto os italianos em fuga da miséria, em Dall’Alba, – são migrantes sem direitos, submetidos à condição de trabalhadores explorados. Há, contudo entre os dois grupos uma importante distinção: ao contrário dos nordestinos, os colonos italianos têm maiores possibilidades de reverter a própria sorte, já que depositam na “terra pedregosa” que adquirem e cultivam a esperança de um resgate social. Vejamos, por exemplo, os versos:

[...] mera e vasta colonada
presa ao cabo de uma enxada, mas cabe a nós nesta vida
estranhamente repartida o que plantar e o que não
e deitar um sonho à terra e plantar o sonho nela
fazendo brotar o sim da cinza fria do chão
(Dall’Alba, 2006, p. 171)

210

A terra “com palmos medida”, que para Severino pode ser apenas a cova para o “defunto parco” (Melo Neto, 1975, pp. 218-219), para o imigrante será a possibilidade de inversão de sua sorte e de uma possível ascensão social.

Afirma Luzia Horn lotti que o “projeto colonizador de parcelas do território gaúcho por agricultores europeus constitui a única reforma efetiva da estrutura latifundiária do Rio Grande do Sul.” (lotti, 2011, 10) Isso viabilizou o sonho de muitos desses imigrantes de ter uma propriedade própria. E acrescenta a estudiosa: “[...] se estes benefícios e favores tivessem sido estendidos à população nacional, seus resultados teriam modificado profundamente a estrutura social e econômica do Brasil contemporâneo.” (lotti, 2011, p.10)

O poema “Emprego no cafezal” sublinha um outro aspecto da condição dos primeiros imigrantes: a de terem sido associados, pelos fazendeiros, à posição dos escravos africanos e de terem recebido, pelo menos no início, igual tratamento: “Se fosse chinês escravo, cada magote por vez/ a diferença era

mínima. Se fosse nascido longe.../ Se fosse branco ou escravo judeu polaco ou alemão [...].” (Dall’Alba, 2006, p. 170)

Por tudo isso, podemos dizer que o poeta repercorre a saga da imigração, as dificuldades de inserção do colono na sociedade brasileira, os perigos enfrentados numa terra desconhecida, os embates com quem detinha o poderio econômico, a displicência do estado, que não forneceu devida assistência às famílias.

Os poemas retratam também aspectos práticos, ligados aos costumes, tipos de construções, hábitos alimentares. As casas eram de pedra ou madeira, construídas pelos próprios colonos com técnicas similares às da Itália, com sótãos e porões para a conservação dos alimentos; nos campos se cultivava sobretudo uva, oliveiras, frutas e verduras; as mulheres preparavam massas, pães, queijos, polenta, assim como costuravam e cuidavam dos numerosos filhos; os garrafões usados para conservação do vinho, assim como os cestos de vime, eram empalhados nos momentos em que a família se reunia e todos trabalhavam, inclusive as crianças. A prática da religião católica era uma obrigação e muitas capelas e igrejas foram erguidas na região.

As relações familiares tecidas nas comunidades eram de tipo patriarcal, o trabalho masculino era ligado ao cultivo da terra, o feminino vinculado aos cuidados da casa, das crianças e dos idosos, assim como à tarefa de consertar e coser o vestuário, tanto o da família quanto para fora. Essa atividade era também uma fonte de renda familiar e as mulheres passavam “dia-sim, dia-não” dobradas sobre a máquina de costura (Dall’Alba, 2006, p. 168), razão pela qual o poeta equipara esse trabalho doméstico ao das operárias nas fábricas.

Releve-se que, no poema “Máquina de coser da fábrica”, as duas estrofes que o compõem iniciam a partir da negação: “Não é peça de mobília para enfeitar a sala”; “não é peça de museu”; “Não é peça de mobília para pura decoração” (Dall’Alba, 2006, p.168). O sujeito lírico começa por desconstruir, pela reiterada negação, imagens descontextualizadas da lida concreta e

desgastante das mulheres para focar, ato contínuo, como era de fato a vida que levavam, as histórias silenciadas de quantas passaram e foram esquecidas.

A simples vista, provavelmente em um museu, de uma antiga máquina de costura, solicita a memória e as lembranças do sujeito lírico, que fluem vivas e intensas no texto, associadas à figura da “*nonna*” (grafado em itálico) e às “donas” (termo italiano “*donna*” adaptado às normas do português) e que representam mães, irmãs, filhas, tias, netas debruçadas no ofício de costureiras, entre agulhas e fios.

Em toda a poesia de Eduardo a presença do pai é imperativa, a voz brusca, os olhos autoritários, os gestos ríspidos: o pai manda, o pai decide, o pai sequestra os livros do menino e queima ou joga na água os volumes. Não parece ter sido diferente em outras famílias de camponeses na Itália, que mantiveram hábitos similares, já que a cultura letrada era luxo que raramente lhes era concedido.

Em carta, Eduardo Dall’Alba, discorrendo sobre o filme *Albero degli zoccoli* (1978) de Ermanno Olmi, que sempre o emocionou pelas memórias vivas que despertavam de sua infância e adolescência na roça, afirma:

Choro muito de pensar nos meus ascendentes vindos para o Brasil vendo àquele filme. E porque quando eles vão entregar a farinha ao senhor feudal da época, eles escutam música pela primeira vez no pátio da casa do senhorio. [...] O filme todo é a cara lá de casa. Tudo reprimido, o pai que corre atrás do filho [...] — meu pai e eu ali — muita identidade de dor. (Dall’Alba, Comunicação pessoal, 17/01/2013)

A bem ver, há uma defasagem temporal entre os dois momentos, o do filme de Olmi, que é ambientado entre 1897 e 1898, e as cenas e lembranças da infância do poeta, em plena metade do século XX. Isso evidencia uma tendência dos imigrantes europeus radicados no Rio Grande do Sul a se manter em comunidades rurais e conservar práticas culturais e modelos comportamentais para muito além do que ocorreu na sociedade italiana. Em poema intitulado “1970”, lê-se:

[...] empalhar garrafão
frio frio frio frio
com o dinheiro daquelas semanas

no inverno de 70
pagar o primeiro caderno
lápiz, borracha e cartilha
empalhar
(Dall'Alba, 2006, p. 121)

A sensação de frio é constante, não vinculada apenas à sensação térmica das baixas temperaturas inverniais do sul, mas à frigidez das relações parentais, sobretudo da ligação entre os filhos e a figura paterna autoritária, como se disse. A figura da mãe, ao contrário, se constitui como um facho irradiador de luz que aclara este e outros livros do autor. Ainda que em segundo plano, ela representa o elo aglutinante da família e, com silenciosa brandura, consola, cuida, reza, canta e conta histórias para as crianças².

Outro aspecto importante da poética de Dall'Alba é a intensa musicalidade, presente em todos os poemas, o que faz com que se assemelhem por vezes a cantigas, nas quais o ritmo se evidencia mesmo na ausência de rimas, com aliterações, assonâncias, repetições, que proporcionam ao leitor experiências sinestésicas. A linguagem é clara e cotidiana, com raras inversões frasais. Os termos usados conotam o mundo rural e o universo dos imigrantes. Há palavras inseridas diretamente em vêneto, como “*mestela grande/ mestela pequena*” (Dall'Alba, 2006, p. 170), que indica uma espécie de vasilhame de madeira usado na colheita da uva. O autor afirma que a sua primeira língua foi o dialeto do vêneto, para ele “a língua do sentimento, do coração, do amor”, pois era a utilizada cotidianamente pela família. (Dall'Alba, Comunicação pessoal)

Esse conjunto de versos do autor é, de fato, um inventário poético da imigração italiana no sul, já que acompanha a inserção destes e de seus descendentes na sociedade brasileira. São momentos, personagens e histórias que o poeta resgata de gente que muitas vezes esteve às margens, nesse

² Há muitos poemas na obra de Eduardo Dall'Alba em que a figura da mãe é delineada com precisão, sempre de forma positiva e luminosa. Cito apenas um deles, o poema “A seca - 1970”, publicado no livro *Viola de rua* (2003): “minha mãe contava a história das aventuras de meu avô/ meu pai nunca estava em casa/ eram histórias alegres, as da mãe/ o fogo do fogão aquecia as mãos/ a voz de minha mãe, o coração” (Dall'Alba, 2006, p. 124).

“acaso de migrações” que é o Brasil, como afirma Mário de Andrade em “O poeta come amendoim”, do livro *Clã do Jabuti* (Andrade, 1976, p. 132).

Ao mesmo tempo, ao abordar aspectos relevantes da imigração, ao plasmar de forma icástica, em palavras e versos, as emoções e sentimentos tantas vezes recalçados por estes personagens, o poeta amplia o âmbito de significação do texto e universaliza tais experiências que são, hoje, compartilhadas por milhões de pessoas, obrigadas a se deslocar de outros continentes para a Europa e para os países mais ricos em consequência de guerras, fome, crises climáticas e humanitárias. São poemas, pois, que nos trazem experiências, sempiternas de embate com o mundo e que deveriam ser lidos por governantes e políticos, inclusive italianos, que desconhecem o quanto é difícil partir, deixar afetos, pôr a vida em risco, atravessar os mediterrâneos do mundo com um sonho de uma vida melhor.

Referências

- ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.
- DALL’ALBA, Eduardo. *Os bens intangíveis: reunião 1988–2006*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2006.
- DALL’ALBA, Eduardo. Vozes da poesia contemporânea. A dicção de Vera Lúcia de Oliveira e a poesia do interdito. *Revista de Italianistica*, São Paulo, Universidade de São Paulo, pp. 113-119, 2013.
- FRANZINA, Emílio. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do vêneto para o Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- IOTTI, Luiza Horn, Os estados brasileiro e italiano e a imigração italiana no RS. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH*, São Paulo, p. 10, julho 2022.
- MELO NETO, Joao Cabral. *Poesias Completas (1940–1965)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975.
- OLIVEIRA, Vera Lucia de. Habitar o íntimo: a poesia de Eduardo Dall’Alba. In: LUPETTI, Monica e TOCCO, Valeria (a cura di). *Giochi di specchi - Modelli, tradizioni, contaminazioni e dinamiche interculturali nei paesi di lingua portoghese*. Pisa: Edizioni ETS, 2016, pp. 97-105.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. Trad. di Mariarosaria Fabris e Luiz Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Editora UNESP, 2022.

TROMBINI, Leandro. *Imigrantes italianos e seus descendentes na microrregião do Vale do Taquari: História ambiental e práticas culturais*. 2026. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento), Centro Universitário UNIVATES. Lajeado, 2016.